

## RESSIGNIFICAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DE SUN BAK NA SÉRIE SENSE8: SER MULHER PELA ARTE MARCIAL

*RESIGNIFYING SUN BAK'S' GENDER IDENTITY IN THE SERIES SENSE8: BEING A WOMAN  
THROUGH MARTIAL ARTS*

**Marília Silva de Almeida**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
marilialmeida008@gmail.com

**Tainara Rodrigues Mendes**

Universidade Federal de Catalão (UFCat)  
tainararmendes@gmail.com

**Guilherme Figueira-Borges**

Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
guilherme.borges@ueg.br

**Resumo:** Este trabalho se situa no campo da Análise do Discurso e tem como objetivo analisar a ressignificação das construções de gênero que constitui a sujeito-personagem Sun Bak, na série Sense8, por meio da prática de artes marciais. Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso, especificamente, nos postulados de Foucault (1989, 1995, 2014, 2020), dialogando com as noções de gênero de Louro (2014) e de Scott (1995), de “identidade” de Hall (2006) e de “verdade” para Nietzsche (1996). Analisar a constituição corporal de Sun Bak, orienta-nos a entender a produção e a ressignificação de discursos que engendram condições socialmente desiguais entre gêneros. Assim, ao delimitar padrões de comportamentos específicos para a mulher, instaura-se práticas de resistência desse sujeito por meio, por exemplo, da prática de artes marciais.

**Palavras-chave:** Discurso. Gênero. Identidade. Sujeito. Sense8.

**Abstract:** This paper draws on Discourse Analysis to analyze the resignification of gender constructions that constitute character-subject Sun Bak in the TV series Sense8 through the practice of martial arts. It draws on Discourse Analysis, specifically on Foucault's assumptions (1989, 1995, 2014, 2020), and on an interface with the notions of gender as posited by Louro (2014) and Scott (1995), identity as proposed by Hall (2006) and truth as suggested by Nietzsche (1996). An analysis of Sun Bak's body leads us to understand the production and resignification of discourses that provoke unequal social conditions across genders. Thus, resisting specific behavior patterns for women also implies a resistance practice by this subject, who resorts, for instance, to the martial arts.

**Keywords:** Discourse. Gender. Identity. Subject. Sense8.

---

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Eu junto tudo que estou sentindo, tudo que importa pra mim... e eu coloco tudo no meu punho e luto por isso”

Sun Bak ( 41m48s, ep. 11:1).

Este trabalho tem como objetivo analisar e descrever a resignificação dos papéis de gênero através da condição da sujeito-personagem Sun Bak, que nos é apresentada na série *Sense8* por meio das artes marciais. Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso, especificamente, nos postulados de Foucault (1989, 1995, 2014, 2020), dialogando com as noções de gênero de Louro (2014) e de Scott (1995), de “identidade” de Hall (2006) e de “verdade” para Nietzsche (1996). Por meio dessa perspectiva, analisamos as práticas corporais e a constituição de gênero do sujeito em questão, a partir da resignificação de discursos nas práticas sociais, bem como o delinear das práticas de resistência a padrões de gênero cristalizados sócio-historicamente.

A série *Sense8*, lançada em 8 de agosto de 2015, das criadoras de “*Matrix*” (Lilly e Lana Wachowski) e “*Babylon 5*” (J. Michael Straczynski), conta a história de oito pessoas que não possuíam qualquer relação e se localizam em diferentes lugares do mundo, cada um de uma cultura e país diferente que, em determinado momento, passam a partilhar de uma conexão telepática, ao terem as suas vidas imbricadas em uma só, os oito passam a ser nomeados como *sensetes*. Capazes de se comunicar, sentir e apoderar-se do conhecimento, linguagem e habilidades um do outro, descobrem-se emocionalmente e mentalmente ligados. Eventualmente em contato; seja incorporando uma espécie de aptidão no outro e/ou transportando a própria consciência até o sensete. Conforme tentam descobrir como e porque essas conexões acontecem, também precisam encontrar um meio de sobreviver não só às adversidades de suas rotinas, mas principalmente às dificuldades oriundas dessa ligação.

Sun Bak, interpretada por Doona Bae, nascida e criada em Seoul na Coreia do Sul, é uma das personagens principais e nosso objeto de estudo. Apesar da construção rigidamente patriarcal da sociedade sul-coreana, a personagem ocupa uma posição de importância na empresa de sua família. Diretora financeira ou, em inglês, CFO (Chief Financial Officer), Sun Bak participa do mundo do kickboxing underground, transgredindo inúmeros padrões determinados para as mulheres que a executiva encontra ao se posicionar como uma lutadora de artes marciais. Irmã mais velha de Joong-Ki Bak (Lee Ki-chan) que, posteriormente, assumirá uma posição antagonista na relação com Bak. Sun Bak assume o crime de fraude,

cometido pelo seu irmão, na tentativa de não prejudicar a “imagem” da empresa e logo de seu pai, visto que o escândalo incidiria sobre a figura de Joong-Ki, podendo arruinar a carreira e o império construído pela companhia da família. Bak é presa e condenada e na prisão inicia um movimento para provar a sua inocência.

Neste trabalho, utilizaremos como *démarche* teórico-analítica a apresentação *a priori* das noções de discurso e enunciado foucaultianas (2020), observando como elas delineiam a constituição corporal do sujeito-personagem de Sun Bak. Em um momento ulterior, lançamo-nos à compreensão de como os discursos produzem, quadriculam e modelam identidades específicas para a mulher e, em vista disso, nos apoiaremos nas noções de “gênero” de Louro (2014) e de Scott (1995), de “identidade” de Hall (2006) e de “verdade” de Nietzsche (1996). Assim, podemos lançar um olhar analítico para o processo de ressignificação corporal da sujeito-personagem em questão por meio das artes marciais.

## DISCURSIVIDADES SOBRE CORPO E IDENTIDADES DE GÊNERO NA SÉRIE SENSE8

Ao lançar o olhar para as noções de corpo e discurso, deve-se visualizar o modo como o corpo é perpassado pelo discurso e, também, como os saberes incidem na materialidade corporal, esquadrinhando-a e ditando a partir da binaridade entre o permitido e o proibido, as formas de comportamento. Diante disso, não se pode compreender, discursivamente, o corpo apenas como uma constituição física visível corriqueiramente, mas como um corpo que traduz uma constituição histórico-social (FIGUEIRA-BORGES, 2018a). É preciso se voltar às condições de possibilidade que permite olhar para os discursos, as práticas e técnicas que autorizam enunciados de controle do corpo, ainda levando em consideração o lugar em que ele se estabelece. O delinear corporal deve dizer o porquê deste corpo se mostrar deste ou daquele modo.

Na perspectiva da Análise do Discurso francesa, o “analista encontra, no texto, as pistas dos gestos de interpretação, que se tecem na historicidade. Pelo seu trabalho de análise, pelo dispositivo que constrói, considerando os processos discursivos” (ORLANDI, 1999, p. 68). Pensando com Orlandi, entende-se que a materialidade corporal também apresenta indícios de interpretação que são possíveis a partir de lastros históricos constituídos em uma (in)tenso movimentação dos sujeitos nos espaço-tempo. O corpo que se entrega ao olhar do analista é histórico e interpelado enquanto sujeito e convocado a assumir determinadas posições e não

outras. Compreender como Sun Bak é situada no e pelos discursos, requer entender também que o discurso é aquilo que se quer falar sobre, que domina, controla e constitui o sujeito e que está emaranhado a outros discursos, evocando, na série, a construção de gênero de mulher inferior ao homem como a de Bak que é resignificada na trama narrativa da série em questão. Segundo Foucault (2020, p. 28), o discurso não existe isolado e se liga a outros por meio de um sistema de remissões, de maneira que pode se sobrepor ou não a outros, nos seus níveis de emergência, como “nó em uma rede”. O discurso é o que pode ser usado para persuadir e monitorar, ferramenta de poder que produz identidades, condutas e subjetividades as quais a mulher muitas vezes se vê obrigada a assumir.

Nesse sentido, e ainda pensando com Foucault (1995), existem algumas formas de objetivação que tornam os indivíduos sujeitos. Esse processo de fragmentação do sujeito possibilita a visibilidade do que reconhecer nele, no que diz respeito a si próprio e em relação aos outros; práticas de objetivação e subjetivação. O que Foucault (1995) denomina também de “práticas divisoras”, permite caracterizar e falar de Sun Bak como mulher, executiva, lutadora, presidiária, CFO sul-coreana, etc. O poder que alcança o corpo e à vida, sinaliza o sujeito na sua individualidade, estabelecendo uma ligação com a sua identidade sob uma vontade de verdade de reconhecimento e validação desse sujeito, ou seja, é também pela via do poder que se torna sujeito a alguma coisa, de acordo com Foucault (1995, p. 235, grifo nosso), “há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem **uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a**”. Em geral, um sujeito pode ocupar diferentes posições-sujeito, à medida em que elas são vazias, passíveis de serem preenchidas e estão ligadas à existência dos enunciados, o sujeito nem sempre é o que enuncia, mas é “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2020, p. 115).

Por conseguinte, assumir uma posição-sujeito é também se inscrever em identidades à medida que essas representações são mutáveis, isto é, podem se modificar ou serem modificadas diante das condições de possibilidade que potencializam esse movimento e demarcam aspectos de gênero na materialidade de Sense8. Dialogando com Louro (2014), as perspectivas analíticas que ainda tentam justificar as diferenças sociais entre homens e mulheres se limitam à categoria biologizante dos sexos, ou seja, fundamentam-se sob a ideia de que o sexo masculino é, biologicamente superior ao feminino no páreo binário *macho* e *fêmea*. Sendo assim, a dessemelhança consegue ser reconhecida e explicada. Embora, para compreender as

questões de gênero é primordial que se lance o olhar tão somente para as manifestações sexuais visíveis, mas como as práticas corporais que versam sobre o sujeito inscrito nas teias de poder. Entender o gênero como um processo sócio-histórico de construção é reconhecer que ele também é produto de um regime discursivo que marca e o situa no âmbito social e para além das práticas meramente sexuais, compreende-se que essa relação está mais ligada às maneiras de como os gêneros são fixados, reconhecidos e legitimados que restrito à noção de sexo biológico. De acordo com Louro,

[é] necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2014, p. 25).

Nesse sentido, é preciso visualizar o gênero como um construto social e discursivo, considerando que esse movimento perpassa por primeiro, o corpo. Conforme Louro (2014), as justificativas que diferem homens e mulheres devem ser orientadas em direção às relações de interação que constroem os gêneros, que adquirem materialidade por meio da linguagem, mas estão posicionadas nos arranjos sociais e na disposição das condições de acesso aos recursos que, *a priori*, deveriam ser coletivos, mas é no campo social “que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos” (LOURO, 2014, p. 26). As concepções de gênero não são as mesmas entre as sociedades ou nas focalizações históricas, mas acontecem no interior das instâncias comunitárias, no qual é preciso considerar os diversos grupos que a constituem, seja de raça, etnia, religião ou de classe. As identidades de gênero estão em constante transformação, se (re)construindo e hierarquizando nas relações, “por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO, 2014, p. 32), assim como Bak é marcada por identidades, desde diretora executiva à lutadora de artes marciais. Artes marciais que podem ser percebidas nas imagens abaixo:



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski  
Episódio doze *I Can't Leave Her* (*Não vou abandoná-la*, em português) — Primeira temporada

Para Hall (2006), as identidades nacionais também conhecidas como culturais, são formuladas e articuladas no interior da representação. As culturas nacionais engendram representações, símbolos e instituições, como discursos são um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2006, p. 50), além de serem generificadas. Entender as identidades como constituintes de um regime discursivo, conforme Hall (2006, p. 62), um “dispositivo discursivo” que faz surgir a representação da diferença como uma unidade ou também uma identidade, tendem a se forjar na unificação da nação, excluindo o diferente, além de não estarem livres das relações de poder e das divisões internas que se sobrepõe. A cultura nacional sutura as diferenças em um único modelo de identidade. Doravante, as identidades são regularmente generificadas, pois possuem determinados valores culturais ou sociais. Nesse sentido, pode-se dizer que identidades penetram na pele determinando práticas possíveis para os sujeitos numa relação (in)direta com outros corpos na sociedade (FIGUEIRA-BORGES, 2018b)

Pensando com Scott (1995), a noção de gênero é utilizada para descrever as interações sociais que ocorrem entre os sexos, mas não implica nas justificativas biológicas que se aplicam à insubordinação feminina por ser “fraca”. Nos dizeres de Scott,

o termo gênero torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado SCOTT (1995, p. 75).

Ainda em consonância com Scott (1995), a necessidade de preocupação com um gênero que fosse pensado de forma analítica aconteceu somente no final do século XX. Essa definição de gênero está associada aos movimentos feministas que reaparecem sob outras

demandas na década de 1960 e se reestruturaram alguns anos depois para pensar as diferenças entre os gêneros e como elas são marcadas por meio das identidades, também inscritas em relações de poder. O gênero para Scott (1995, p. 86), possui duas partes e aquilo que o autor chama de subconjuntos que se relacionam: “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder”, as transformações nas relações sociais se inclinam às diferentes formas de poder, nem sempre centralizador. Assim sendo, Scott quer pensar o gênero como um conjunto de aspectos que se relacionam entre si: *i)* símbolos ou representações simbólicas; *ii)* os discursos que se fixam ao redor dessas representações com o intuito de demarcar limites entre homens e mulheres, feminino e masculino, *iii)* a relação de construção do gênero com o parentesco, embora não sendo única, pois esse processo acontece nas organizações da economia ou da política, por exemplo e incidem nessas relações, *iiii)* a identidade lacaniana subjetiva e a teoria da castração. Por outro lado, a historiadora recorre à noção de poder para Michel Foucault, ao articular que o gênero tão somente funciona como elemento primário nas relações de poder como também é ferramenta na construção ou no exercício do poder.

Ao lançar mão da relação corpo e gênero em uma tentativa de compreender o processo de ressignificação corporal do sujeito-personagem de Sun Bak, não se exclui o investimento de poder que acontece no corpo do sujeito em questão. Tal processo pode ser observado em alguns recortes do seriado em que Bak possui e apresenta determinadas características e comportamentos corporais que se adequam às normas de uma identidade generificada heterossexualmente, ao usar vestimentas formais, se portar com etiqueta e apresentar fisionomias e posturas rígidas e de seriedade pelo fato de ser filha do dono de uma empresa milionária, ainda que estruturada sob o patriarcado e os preconceitos e restrições que Bak sofre ao ser mulher e se posicionar como CFO (diretora executiva, em português) na companhia. De acordo com Foucault (1989), o domínio da consciência de si e do corpo ocorreram porque o poder penetrou o corpo, podendo se deslocar, recuar e transmutar e investir-se em outros lugares. Uma tecnologia de poder que opera nos corpos que se quer regulamentar, dominar, controlar e extrair a sua utilidade. O poder nem sempre exerce função rigorosa, violenta ou negativa, mas opera no sentido de coordenar as ações e ditar o permitido, visto que a sua imanência se deve à materialidade que a linguagem oferece ao poder, tornando-o forte e capaz de produzir efeitos de verdade, também de desejo e de saber.

Segundo Foucault (1995), as relações de poder são também entendidas como uma economia de poder tanto no aspecto prático como teórico. Essa economia de poder “consiste

em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida” (FOUCAULT, 1995, p. 234). Foucault quer tratar das práticas de resistência como um “catalisador químico”, que o situa, explica e analisa as técnicas, métodos e estratégias utilizadas nesse funcionamento. Essas lutas de resistência se desenvolveram desde o século XVI e de maneira contínua, principalmente frente à nova estrutura política do Estado. O poder político do Estado é forte por razão de operar sobre os indivíduos de maneira individual e total. Esse poder é o “que ignora os indivíduos, ocupando-se apenas com os interesses da totalidade” (FOUCAULT, 1995, p. 236), cujos resquícios se esbarram na ordem religiosa com a forma de poder pastoral herdada do cristianismo. Essa justificativa se apoia na ideia de garantir a salvação, isto é, ser isento de suas transgressões cometidas nesse mundo no outro; não só comanda para garantir o andamento da sociedade, mas seu pastor deve estar apto ao sacrifício em função dos demais ou do rebanho e se implicam à consciência dos indivíduos. O Estado é esse poder que se orienta à salvação de forma voluntária por “dizer o que fazer”, atua de forma individualizante e totalizadora diante dos múltiplos corpos e identidades, fixando modelos de verdade ou condutas ideais para esses corpos. Esse termo também se refere às relações e às ações que estabelecemos uns com os outros.

De igual forma, é do corpo que se quer tratar. O corpo alvo e objeto de poder, que se quer controlar e tornar útil, multiplicando e extraíndo suas forças, “ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2014, p. 134), o poder que evoca no corpo e pode ser útil se dócil e vice-versa, bem como ser colocado em questão, submetido, manipulado e aperfeiçoado para atender às demandas de uma economia política. É durante a época clássica que se descobre o corpo como alvo de poder, não mais o ferindo ou machucando com as punições e castigos, além de um poder disciplinar que se exercia diretamente sobre ele, mas se volta para os seus processos e atividades, delineando os movimentos, tempo e espaço, não mais o físico, mas a alma do sujeito.

Nesse sentido, é preciso observar o corpo como um enunciado em sua materialidade, passível de deslocamentos delineiam um tipo de sujeito, que emerge de forma específica e por uma razão. FOUCAULT (2000, p. 136) define a prática discursiva como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Assim sendo, é possível que o corpo seja também uma manifestação discursiva, além de produzir inúmeros efeitos de sentido. Observando o corpo de Sun Bak, através de uma ótica sócio-histórica, não apagando a história

que perpassa e é registrada nesse corpo, visualiza-se uma mulher educada e moldada por uma sociedade patriarcal, machista, sexista e que não teme ao deixá-la na sombra dos homens ao seu redor.

Considerando que corpo é discurso, o corpo não precisa mostrar-se por inteiro para que exista um enunciado. Por exemplo, ainda no primeiro episódio de Sense8, somos apresentados a uma situação em que Sun Bak deve receber um cliente da empresa de sua família, o cliente, Sr. Yuen. Logo no início, nota-se os dogmas sociais sul-coreanos que favorecem aos homens ao passo que coloca em terceiro plano as mulheres, potencializando as diferenças sociais existentes entre gêneros. Segundo MILANEZ (2009, p. 217), “a mão ou, mais precisamente, até o borrão do dedão sobre o papel, são marcas identitárias construídas discursivamente na relação do sujeito frente às posições que assume”. Sentido podemos dizer que as marcas identitárias são evidenciadas por partes do corpo como, por exemplo, os punhos e, quando a câmera o foca, efeitos de memória de artes marciais são evocados, delineando outros papéis de gênero para Sun. Na luta, discursiva, a mulher pode sempre se constituir outra práticas sociais (FIGUEIRA-BORGES, 2019).

Num breve diálogo, Yuen dispensa a negociação com Sun por não legitimar a posição de um cargo de alto escalão e confiança, como o de diretor (incumbido de tomar decisões efetivas dentro do mercado dos negócios) assumida por uma mulher. A rejeição da figura de Yuen frente à negociação com Bak é a representação da não configuração de um lugar de direito que é negado a ela, por não ser julgada apta a estabelecer poderosas transações milionárias que, culturalmente, são vistas como de responsabilidade masculina, pelas proporções. Yuen tão somente refuta a presença de Bak como ironiza ao fato de ser mulher, ao afirmar que as mulheres somente “abrem” as coisas, fazendo referência ao imaginário genital da mulher, como se a sua única aptidão ou função fosse a maternidade ou o ato sexual, reduzindo o corpo da mulher ao objeto sexual ou maternal. O empresário acredita que tal poder não lhe cabe, “*Olha, eu vim aqui para fechar um acordo, as mulheres não fecham nada. Elas só sabem como abrir.*”<sup>1</sup>. A reação de Bak configura o ato de cerrar os punhos, fazendo referência a sua luta, o kickboxing. O ato de fechar os punhos tão somente alude ao esporte que se baseia no uso das mãos e dos pés, seja por meio de socos ou chutes, mas também marca uma representação identitária que é assumida pela mulher, além de ser um ato responsivo a um lugar de fala, como podemos observar no enunciado abaixo:

---

<sup>1</sup> Tradução do original: “Look, I came here to make a deal, women do not leave anything. They only know how to open”.



Fonte: *sense8*, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski  
Episódio um — Primeira temporada

A docilidade do corpo pode ser enxergada na cena supramencionada que demarca a não-reação verbal da personagem feminina. Bak é vislumbrada como um corpo unicamente sexual, mesmo estando dentro de seu local de trabalho, ainda que subestimada por se tratar de uma mulher. A recorrência de discursos como esses, não se deve ao fato de ser enunciado apenas por uma única figura masculina, mas reverbera na modernidade de forma geral, produzindo, transformando e fixando verdades sobre e para os corpos. Nesse sentido, nos próximos tópicos nos ocuparemos de entender como são delineadas, através da linguagem, verdades sobre o corpo de Bak e em momento ulterior, analisaremos quais técnicas e métodos incidem no corpo do sujeito discursivo em questão e objetivam o seu domínio, controle do tempo e das atividades, além do esquadrinhamento da produção de forças que o torna útil e dócil.

### **O CORPO ENQUANTO LINGUAGEM: A delimitação de verdades sobre os corpos**

O discurso que ganha subsídio na linguagem, se trata de algo que deve ser visto como mutável, uma construção maleável que pode ser balizada das mais diversas formas, atuando na produção de verdades. Friedrich Nietzsche pode ser considerado um dos filósofos que dedicou seus estudos ao tema da verdade. A sua discussão sobre a “verdade” e a “mentira”, enquanto construções da linguagem, delineia a efemeridade do conhecimento humano. O autor critica o fato de o intelecto humano estar à frente da Natureza, o que causa um sentimento de banalidade. O conhecimento é exibido como “uma cegueira pousada sobre os olhos e sentidos dos homens” (NIETZSCHE, 1996, p.53), tornando-o enganoso e de natureza oscilante. A linguagem propicia

a materialidade dos discursos que estão em constante reaparecimento e transformação, perpassando os indivíduos e os constituindo como sujeitos, tornando-os capazes de mentir, ludibriar, mascarar dissimuladamente, mergulhando em ilusões.

Ainda de acordo com Nietzsche (1996), o conhecimento não deve utilizado apenas para firmar a existência de alguém, mas também para que aquele que o utiliza, consiga viver em sociedade, ao evitar confrontos dentro do nosso corpo social, posto que o homem aparenta querer existir em conjunto, e a guerra certamente o separa de seu coletivo. O intelecto então, além de portar um caráter duvidoso, parece também mostrar um jogo de falsidade, no qual quem melhor administra, permanece mais próximo da “verdade”. Para NIETZSCHE (1996, p. 54), enquanto “o indivíduo, em contraposição a outros indivíduos, quer conservar-se, ele usa o intelecto, em um estado natural das coisas, no mais das vezes somente para a representação”, haja visto que o “homem, ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho” (NIETZSCHE, 1996 p. 54). Observamos esse jogo de verdade e mentira relacionado à personagem Sun Bak no desdobrar da primeira temporada da série Sense8. Ainda que sua força não esteja completamente vinculada ao saber, visto que a sua força física se sobressai, o sujeito discursivo se dispõe ao cuidado com as informações relacionadas aos roubos de seu irmão Joong-Ki, em uma jogada que exige a omissão da ciência dos crimes que ocorrem na companhia.

Entretanto, no episódio seis, Bak assume a responsabilidade dos crimes cometidos por seu familiar, fazendo de Joong-Ki, aquele que precisa de uma ilusão para firmar-se em seu meio social. Sun é quem lhe fornece essa possibilidade, permitindo que não só ele, mas como também a empresa sobreviva ao escândalo, o que é possível uma vez que sua posição dentro da empresa, como CFO (diretora executiva, em português) passa despercebida por ser uma mulher. A verdade aqui, passa a ser modificada para favorecer os personagens, projetando o dito jogo de falsidade.



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski  
Episódio três *Smart Money is on the Skinny Bitch* (*Aposte tudo na magrela*, em português) — Primeira temporada

A verdade pode ser maculada, pode haver uma quebra na construção apresentada até certo momento. NIETZSCHE (1996, p. 57), apresenta a seguinte problematização: “O que é verdade, portanto?”. Em seguida, ele apresenta uma possível resposta sobre a “verdade”,

[u]m batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: As verdades são ilusões, das quais se esqueceu que são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (NIETZSCHE, 1996, p. 57).

Quando Sun Bak assume toda a responsabilidade dos crimes, a verdade em que Joong-Ki é o causador destes, rompe-se. Uma vez que ela e o pai encontram-se cientes de que a empresa não sobreviveria ao escândalo relacionado à irmã, torna-se favorável que ela, mulher, em uma sociedade patriarcal, assuma as responsabilidades pelas transgressões. Neste momento, a consequência da realidade que até então permanece, parece um preço muito alto a se pagar. Vemos, nesse sentido, que a verdade é uma construção de linguagem que afeta os sujeitos determinando as suas relações sociais. Nesse sentido, quando Bak assume a culpa do irmão, ela se inscreve em conjunto de posições cristalizadas, através de jogos de verdade, para as mulheres naquele contexto social.

Na maior parte do tempo, quando pensamos na mulher sul coreana, o reflexo que vem a nossa imaginação não se trata de Sun Bak. A visão que temos não é a de uma mulher que ocupa a posição de vice-presidente e diretora financeira da empresa de sua família. Não imaginamos alguém capaz de lutar tão vorazmente por si e por aqueles que nutre afeto. Sun

Bak transgride a expectativa esperada como verdade para o “modelo feminino”. A personagem cria um novo regimento de realidade quanto ao que é ser mulher dentro daquele meio. Assim, ela evidencia o caráter de metáfora móvel da realidade, delineando que as mulheres podem resistir aos exercícios de poder que incide sobre os seus corpos e instaurar práticas de resistência nas quais forças outras, de executiva e lutadora, por exemplo, materializam-se em seus corpos. Corpos femininos esses não mais frágeis, mas dinâmicos, firmes e, permanentemente, dispostos ao combate.

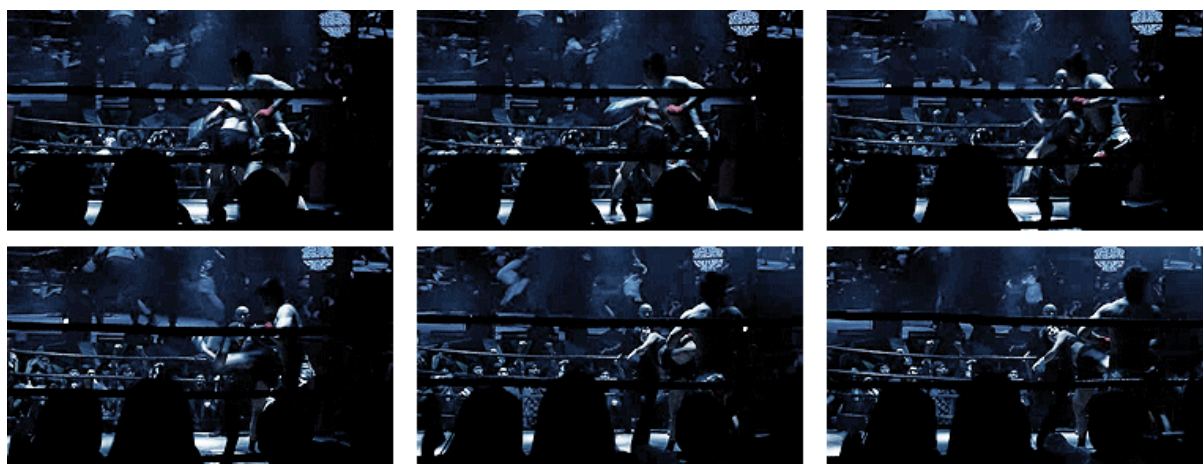
### **A RESSIGNIFICAÇÃO DA FEMINILIDADE: Do corpo dócil ao resistente**

Dialogando com Louro (2014), a binaridade dicotômica entre homem e mulher pressupõe a ideia de que essa relação se constitui em uma “oposição entre um polo dominante e outro dominado” e é o movimento de desconstrução dessa relação que permite rachar as estruturas de poder que sustentam tal dicotomia sob essa ótica. O exercício do poder fragmenta esses elementos e os sujeitos que compõem essa relação de oposição tão somente são homens e mulheres, mas sujeitos de várias classes, idades, religiões, raças, etnias que perturbam essas estruturas, pois ainda que em espaços de luta menor, como Bak, são “capazes de fazer dos espaços e das instâncias de opressão lugares de resistência e de exercício de poder” (LOURO, 2014, p. 37). Enxergar a discussão binária de gênero em uma desconstrução, possibilita a inclusão de diferentes formas e manifestações de masculinidade ou feminilidade que são construídas sócio historicamente. Colocar essa binaridade em questão tão somente tem a ver com a inserção da diversidade, mas principalmente, com o reconhecimento e a legitimação de identidades heterogêneas, conforme aponta Louro,

a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto a ideia *singular* de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se ‘enquadram’ em uma dessas formas. (LOURO, 2014, p. 38, grifo da autora).

As identidades de gênero não são somente construídas sob o poder político, ainda que esse mecanismo nos oriente para suas técnicas e micro-relações, elas se fazem por meio de interações, “práticas e relações que *instituem* gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas *apropriadas* (e, usualmente diversas). Os gêneros produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (LOURO, 2014, p. 45, grifos da autora) e institui

lugares sociais diferentes para os homens e mulheres. A imagem do corpo frágil, em que identidades forjadas na sensibilidade, doçura, carência, polidez, passividade, dentre outros, são facilmente relacionados à figura da mulher não se fazem real diante do corpo da sujeito em questão, certo de que seus movimentos demarcam a construção de força, valentia e de coragem, rompendo com tais modelos. A ilusória ideia de um corpo passivo e tolerante, muitas vezes, submisso, é substituído por alguém de gênio vigoroso, demonstrando caráter rigoroso e traços lesivos. Sun Bak não é somente uma identidade feminina, mas também a de um soldado. FOUCAULT (2014, p. 133) apresenta uma análise relevante acerca desse combatente, o “soldado é, antes de tudo, alguém que se reconhece de longe, que leva sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho, seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia”. O corpo do soldado apresenta em sua materialidade corporal traços de força, marcados por meio dos músculos avantajados e enrijecidos, a de valentia percebida nos atos de “coragem” ou de perigo de morte. Esses traços do soldado podem ser percebidos na guerreira que entra em um ringue de luta clandestina, os seus músculos denotam força e a ousadia em se arriscar nos espaços do submundo. A luta é ferramenta de resistência frente ao perigo eminente de morte.



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski  
Episódio três *Smart Money is on the Skinny Bitch* (*Aposte tudo na magrela*, em português) — Primeira temporada

Em consonância com Foucault (2014), no desdobrar da época clássica, o corpo se torna foco de um investimento de poder que o posiciona na ordem da utilidade e da docilidade. A reestruturação de um poder disciplinar, também conhecido como poder monárquico que regia as ordens da lei, se ocupavam de punições e penas que incidiam diretamente nos corpos dos condenados, como forma coercitiva e com o objetivo de extrair a ‘verdade’ confessa do

supliciado caminha para um poder que se emancipa sobre a vida e todas as suas áreas. Uma nova economia de poder que refletirá no corpo, mas de forma diferente, implicará em uma “coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço e os movimentos” (FOUCAULT, 2014, p. 135). São esses métodos que permitem controlar o corpo que se assujeita às forças dentro de uma relação de docilidade-utilidade que são também chamadas de *disciplinas*.

Nesse sentido e ainda pensando com Foucault (2014), as disciplinas funcionam não somente na produção de habilidades, mas no aperfeiçoamento de uma relação de obediência e de manipulação dos gestos e comportamentos, uma anatomia política que extrai não meramente o que se faz, mas as maneiras e técnicas a serem utilizadas em uma tentativa de potencializar a rapidez e a eficácia dos movimentos. A disciplina age minuciosamente, por meio de arranjos sutis, separando o poder do corpo em um processo de sujeição para uma exploração econômica, ela “dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 2014, p. 136), ela é considerada, segundo Foucault, a anatomia política do detalhamento do corpo, assegurada em instituições como a prisão, quartel, escola, hospital, etc.

Por conseguinte e de acordo com Foucault (2014), para compreender como as disciplinas procedem é necessário falar de suas técnicas, isto é, do que as compõem; a começar pela *arte das distribuições*, elas geralmente se estruturam em um domínio fechado em si mesma e diferente dos demais e atua no quadriculamento e na localização do corpo, cada sujeito em seu lugar como forma de facilitar a vigilância, o conhecimento e a utilização do corpo, evitando as comunicações perigosas que ameacem o dispositivo. Além disso, o *controle das atividades*, que regulamenta a repetição dos movimentos, bem como os horários e convoca os sujeitos às determinadas ocupações, extraindo eficácia e rapidez da relação corpo e movimento em uma espécie de engrenagem que funciona, muitas vezes, sob o princípio da utilização laboriosa, esgotando-se as forças e o tempo. A *organização das gêneses* e/ou dos segmentos temporais, com o estabelecimento de séries sucessivas em que são colocados os indivíduos, essas atividades potencializam o investimento pelo poder, além do controle minucioso e a possibilidade de fazer intervenções, isto é, castigo e punições mais específicos para os sujeitos que são situados na ordem das séries e cujo objetivo é o resultado da capacidade final do sujeito. E, por último e não menos importante, a *composição das forças*, que diz respeito a um conjunto

suficiente de forças relacionado ao lugar e a regularidade de operação do corpo, como uma pequena engrenagem da estrutura. É forjada sob essas características que a disciplina quadricula o corpo de Bak, principalmente quando a mulher é presa e se vê diante de uma de vigilância recorrente e violenta, a disciplina possui essa capacidade de fabricar sujeitos, “ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2014, p. 167).

Doravante, a noção do *panoptismo* que advém do *Panóptico* de Bentham (1785), do filósofo Jeremy Bentham, consiste em uma torre de vigias que permite explicar, a grosso modo, “vigiar sem ser visto”. Esse dispositivo de vigilância funciona com o princípio de poder que não pode ser visível nem desorganizado de modo que os detentos não vejam, mas saibam reconhecer que podem ser vigiados. O panóptico é “uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder” (FOUCAULT, 2014, p. 196), produz experiências, subverte comportamentos e treina indivíduos. São os mecanismos de observação que potencializam que o saber penetre o comportamento do corpo. A disciplina esquadrinha um lugar para cada detenta na sala de costura. Cada uma das mulheres é distribuída em posições específicas dentro da sala onde se ocupam de suas máquinas para o trabalho. Possuem uma rotina fragmentada frente às necessidades e trabalhos na penitenciária, incluindo o momento de lazer, também conhecido como “banho de sol”. As detentas desenvolvem habilidades, realizam atividades e estão sob constante vigilância de uma estrutura hierárquica de poder que se volta para o controle e a dominação desses corpos. Sun Bak tem que se adaptar à posição de costureira, visto que todas as suas experiências anteriores estavam restritas ao espaço de diretora executiva. Aqui, o corpo deve cumprir um horário e atingir resultados finais para que possa utilizar do momento de descanso, embora Bak não demonstre aptidão para a costura, se comporta dentro das normas da prisão.



Fonte: sense8, de Lily e Lana Wachowski e J. Michael Straczynski  
Episódio oito *We Will All Be Judged by the Courage of Our Hearts* (*Seremos julgados pela coragem dos nossos corações*, em português) — Primeira temporada

O excerto discursivo supramencionado é parte do episódio de número oito *We Will All Be Judged by the Courage of Our Hearts* em que se pode observar o funcionamento do dispositivo disciplinar quando Bak é integrada ao conjunto de moças responsáveis pela costura dentro do quadriculamento da prisão que possui um organograma hierárquico na composição de seus elementos, entre diretora e agentes penitenciárias que monitoram o período de trabalho das detentas e fiscalizam o cumprimento correto das atividades de costura. É preciso ressaltar que a disciplina não opera apenas sob a justificativa de uma pertença obediente e controlável, mas como um instrumento de poder, que, conforme FOUCAULT (2014, p. 210), “não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos”, uma anatomia e/ou tecnologia de poder.

O quadriculamento do espaço dos sujeitos é previamente pensado para que a guarda as vigie e mantenha o controle do local e se ocupe de certificar a eficácia do resultado das tarefas desenvolvidas. A vigilância acontece de modo singular, ao se inclinar a uma espécie de exame tendo como barganha, o tempo de descanso e incide no coletivo penitenciário de forma a acontecer para todas. A disciplina individualiza os corpos uma localização que não os implanta, mas os distribui, os corpos em filas ou em séries dispostos no trabalho, a “unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição *na fila*: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna” (FOUCAULT, 2014, p. 143, grifos do autor).

Visualizar o corpo como peça de uma engrenagem é compreendê-lo na composição das forças. É a partir disso que se observa o modo como a sujeito-personagem opera dentro do

grupo de sensetes, ocupando-se de uma posição de combate, isto é, de luta. A constituição de habilidades e aptidões de artes marciais de Bak, por exemplo, é capaz de incorporar-se em outra unidade de consciência como na de Will Gorski, policial e um dos colegas sensetes, conforme pode ser observado no recorte abaixo. A junção das técnicas, competências e habilidades de um ou mais sujeitos projeta um corpo para guerrear. Nesse sentido, há “uma exigência nova a que a disciplina tem que atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe.” (FOUCAULT, 2014, p. 161), compor peças, isto é, sujeitos como engrenagens de um motor cujo desempenho é acionado por uma tecnologia de poder. Podemos observar esse movimento em Sense8, um grupo de oito pessoas que se articulam, elementos singulares capazes de se articularem uns com os outros, de se deslocarem e aperfeiçoarem e reunir as habilidades e emoções em uma única unidade corporal. Como parte do conjunto, Bak ocupa uma posição de defesa do grupo, mostrando-se o sujeito mais apto em combates físicos diante de condições específicas de guerra, as quais outros sensetes não conseguem lidar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a ressignificação da figura corporificada de Sun Bak nos orienta a projeção da desconstrução de determinadas identidades generificadas, isto é, que se fixam no e pelo gênero. Entender os gêneros como construtos sociais, ou seja, que podem ser produzidos, modelados e transformados no interior das representações e no processo de interação, é reconhecer que eles são mutáveis e variados, que podem assumir diferentes características e tão somente atuam na produção de sujeitos, como os convoca a assumir determinadas posições na sociedade.

As identidades enquanto representações de Hall (2006), situa a figura do sujeito discursivo de Bak, inicialmente na posição de empresária e diretora executiva de uma grande companhia, embora, Sun Bak sofra com a represália, o preconceito, assédio moral e práticas machistas e patriarcais que acontecem pelo gênero e pelo fato de ser mulher. Embora o sujeito se veja em uma espécie de submissão, Bak consegue romper com discursos pré-estabelecidos que limitam sua performance e, mais do que isso, a sua existência e se deslocar dentro das identidades possíveis, assumindo outras representações como a de lutadora, registrando a sua

identidade por meio das ações corporais, dos braços e pernas que acompanham o jogo de sua luta.

Analisar como acontece o processo de ressignificação do corpo de Bak não só possibilita tecer uma crítica à posição que a mulher é enxergada na série como também denunciar as desigualdades entre gêneros que ainda reverberam na nossa sociedade. Quando a sujeito é capaz de subverter e ressignificar a própria identidade, ela também marca um lugar de fala e de direito que tão somente é singular, mas coletivo. Essa projeção alcança o âmbito social à medida em que podemos supor que essas dessemelhanças ainda são recorrentes e precisam ser colocadas em questão como forma de começo do processo de desconstrução dessa matriz e de um gênero sobreposto ao outro. A luta de Sun Bak não é somente com as mãos e com os pés, mas também contra os modelos de feminilidade e os discursos que potencializam a identidade de uma mulher frágil e submissa. Sua constituição permeia as artes marciais e possibilita uma denúncia às desigualdades de gênero que ainda continuam estruturando os pilares sociais, mas para pressupõe, oportunidades de se deslocar, resistir e transgredir às condições que visam limitar a representação da mulher na sociedade.

## REFERÊNCIAS

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Notas sobre linguagem, corpo e homossexualidade. In: **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, Iporá, v. 7, n. 1, p. 21-40, 2018a.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Construction de sens sur l'homosexualité dans des déclarations politico-religieuses. **Revista Investigações**, v. 31, n. 2, p. 181-197, 2018b.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Female body, discursive threads and the “slutwalk” movement. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 2, p. 142-152, 7 fev. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Corpos Dóceis**. In: **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editoras Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro.

MILANEZ, Nilton. **Corpo cheiroso, corpo gostoso**: unidades corporais do sujeito no discurso. Vitória da Conquista, Bahia: 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre Verdade e Mentira No Sentido Extra-Moral. In: **Obras incompletas**. São Paulo: Editoras Globo, 1996.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. São Paulo: Pontes. 1999.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-100, dez. 1995.

**SENSE8** (Temporada 1, ep. 3, 8 e 12). Direção: Lilly e Lana Wachowski, J. Michael Straczynski. Produção: Marcus Loges, L. Dean Jones Jr., Alex Boden. Estados Unidos: Netflix, 2015-2017. 2 temporadas (46-151 min).

---

**SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR****Marília Silva de Almeida**

Acadêmica do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Morrinhos (GO).

**Tainara Rodrigues Mendes**

Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás. Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás ? UFG. Realizou mobilidade internacional na Europa, com foco em Língua Inglesa como segunda língua. Atualmente, atua como professora de inglês na Inhouse Idiomas. É integrante do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche (GEDIN/UEG/CNPq) e do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos (LEDIF/UFU/CNPq). E desenvolve pesquisas sobre as temáticas da Análise do Discurso e Identidades de Gênero e Sexualidades, especificamente acerca da ressignificação dos papéis de gênero do sujeito-mulher contemporâneo.

**Guilherme Figueira Borges**

Graduado em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2006). Mestrado (2010) e Doutorado (2014) em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Atualmente, é Docente de Ensino Superior Doutor (DES IV) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Câmpus Morrinhos, atuando no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Está credenciado, também, no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG Catalão). É coordenador do grupo de pesquisa: Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche (GEDIN/UEG/CNPq). E desenvolve pesquisas nos seguintes temas: Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa; Análise do Discurso; Diálogos entre as Teorias do Discurso e as Teoria(s) de Nietzsche.

---

**Recebido em abril de 2021.**  
**Aceito para publicação em julho de 2021.**